

Entrevista

Sociologia, Ensino e Pesquisa: Uma Experiência

Entrevista com a professora **Anne Marie Wautier**

Realizada por Marcelo Pinheiro Cigales¹

Atualmente **Anne Marie Wautier** é professora do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, coordenadora do Grupo de Pesquisa – Trabalho e trabalhadores: transformações sociais, identidades e desigualdades. Formou-se em Ciências do Trabalho pela Universidade Católica de *Louvain* em 1990, e completou o mestrado em Ciências do Trabalho pela mesma instituição em 1995. Seu doutorado em Sociologia foi defendido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2004, com período de pesquisa na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* em Paris. Suas pesquisas enfocam a identidade, subjetividade e trabalho; economia solidária; formas de trabalho não convencionais, e, ultimamente a experiência social e profissional dos professores de sociologia.

Café com Sociologia: Gostaria que a senhora me relatasse um pouco da sua trajetória como estudante, professora, pesquisadora e autora.

Anne: Sou a única filha de quatro irmãos, meu pai foi professor primário, mas parou de dar aulas quando foi convocado para a Segunda Guerra Mundial. Quando voltou continuou trabalhando, mas como tinha sofrido sequelas físicas da Guerra foi afastado do ensino e acabou se frustrando muito. Na época entrou para a “resistência” contra a invasão dos soldados nazistas na Bélgica. Mas sempre guardou o amor pela educação e nunca deixou de acompanhar minha formação. Ele tinha uma maneira de fazer a gente estudar com carinho e dedicação, que até hoje recordo bem.

Minha formação, primeiramente iniciou numa escola pré-primária na cidade onde eu nasci chamada *Le Roeulx* (Bélgica) e lá foi até interessante porque eu era considerada uma má aluna, eu

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

lembro de castigos atrás de um quadro. Depois minha família se mudou para a cidade onde trabalhava meu pai, foi quando me puseram em outra escola.

Nessa escola entrei com um ano antes do tempo e fiz todo o primário com três colegas disputando o primeiro lugar, lembro que era uma escola de freiras perto de casa. Depois no segundo grau eu fui para outra escola, dessa vez era um colégio misto muito conceituado na região, só que os meninos estudavam numa escola e as meninas em outra escola. Foi então que iniciei o clássico, grego e latim. Depois de algum tempo nos mudamos para uma cidade maior. Nesse período da minha vida, eu não gostava de escola, eu ia por causa dos amigos, da amizade que a gente tinha. Mas eu tive uma nota média que manti até o final do segundo grau. Quando terminei esse período de estudos, minha mãe sonhava com a carreira do magistério, queria que eu fosse professora. Mas lá o ensino era diferente na época, o primário era composto de seis anos e o segundo grau de mais seis, somente depois que poderia ser feito o exame chamado “exame de maturidade”, que é parecido com o vestibular, mas dentro da própria escola, e depois tem o que se chama ensino superior não universitário, que não é necessariamente técnico e por último, a universidade.

O secundário era dividido em dois ciclos de três anos, três inferiores e três superiores. Para dar aula nos três primeiros anos do segundo grau era este tipo de diploma não universitário. Então minha mãe queria me colocar lá para dar aula nos três primeiros anos. Eu não queria e na época eu lembro que queria cursar jornalismo, mas como era muito jovem não sabia se era isso realmente que queria fazer, mas enfim... Finalmente eu tive a sorte de ter uma professora que incentivou muito meus pais para me colocarem na universidade.

Passados alguns anos casei com um brasileiro que estudava na minha universidade e viemos para o Brasil. Antes de vir ao Brasil, tive uma parte da carreira como professora do segundo grau, onde dava aula de moral e de filosofia. Foi uma experiência muito interessante porque eu lecionava em escolas públicas que tinham muitos alunos que vinham da imigração. Após terminar seu doutorado, eu e meu marido retornamos para o Brasil. Na época eu estudava sociologia no Instituto de Ciências do Trabalho da Faculdade de Economia, Sociologia e Política da Universidade Católica de *Louvain*.

No Brasil trabalhei na Universidade Católica de Pelotas e depois na Universidade Federal de Pelotas – UFPel, na parte administrativa. Então em 1989 eu voltei para a Bélgica, onde fiz mestrado e tive uma experiência de trabalho de seis anos em um centro de pesquisa em movimento social, que também foi interessante.

Eu tive, portanto, a primeira experiência no segundo grau, depois nesse centro de pesquisa em movimentos sociais, e quando voltei em 1995, dei aula um semestre na pós-graduação de uma universidade localizada no centro do estado do Rio Grande do Sul. Após algum tempo fiz concurso

em outra universidade e passei, na época eu tinha mestrado. Enquanto eu estava nessa instituição acabei fazendo o doutorado. Na verdade minha trajetória é atípica porque quando eu fiz o doutorado já tinha 50 anos, e depois do doutorado voltei para essa universidade, mas logo acabaram demitindo todos que tinham realizado esse nível de estudo, porque tinha se tornado muito caro pagar o salário para quem tinha doutorado. Depois disso, voltei para Pelotas, fiz concurso para professor substituto, passei e acabei fazendo outro concurso, aí já como professor efetivo. Portanto eu lecionei sete anos nessa universidade no noroeste do estado e praticamente sete anos aqui na UFPel. Como professora do segundo grau foram cinco ou seis anos antes de vir para o Brasil e nos movimentos sociais sete anos também.

Café com Sociologia: Em que sentido esta trajetória influenciou sua prática em sala de aula?

Anne: Acho que somos o resultado dos múltiplos encontros e experiências que atravessam nossa vida. Tive professores que me marcaram muito, seja pelos conteúdos que ensinavam, seja pela postura como pessoas e isso, no ensino médio como na universidade. São professores que me deixavam com muita curiosidade, com vontade de ler, de saber mais e melhor. Aprendi com eles que só se faz bem o que se faz com prazer. Mas, uma pessoa em particular influenciou muito minha prática docente: meu pai, professor por vocação e por amor à profissão. Ele me ensinou o que ele chamava de “mão de ferro numa luva de veludo”. Isto é: com carinho mas firmeza, se consegue desabrochar os alunos, seu interesse, seu gosto pelo estudo, sua vontade de “chegar lá”. Com ele, aprendi a ser algo mais que uma profissional, a cuidar também do lado humano na relação de aprendizado. Descobri que muitos alunos têm um potencial que só espera para ser revelado e que isso só é possível criando um clima de confiança (e não de medo da avaliação), deixando eles se expressarem, participarem, sem abrir mão da exigência de seriedade. Não é fácil e não funciona sempre! Mas vale a pena tentar...

Café com Sociologia: E sua graduação foi em que área?

Anne: Na Faculdade de Economia, Sociologia e Política. Instituto de Ciências do Trabalho. Nós chegávamos a partir da licenciatura e daí tínhamos uma formação especializada na sociologia do trabalho. E no doutorado sociologia do trabalho também. Eu fiz o doutorado aqui na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e sanduíche em Paris.

Café com Sociologia: Em Paris a senhora foi orientanda do François Dubet. Como é trabalhar com Dubet? Porque Dubet também pesquisou a questão da formação dos professores, inclusive ele deu uma entrevista muito interessante chamada “Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor”².

Anne: A formação de base dele é a sociologia do trabalho, ele trabalhou com Touraine. O Touraine entrou com a sociologia do sujeito, com aquele livro “O retorno do actor: ensaio sobre sociologia” (1984), foi lá que ele começou a sistematizar a questão do sujeito e foi depois em 1990 que saiu o livro intitulado “Iguais e Diferentes: poderemos viver juntos?” (1998). E lá ele focalizava muito bem a sociologia do sujeito, mas de uma maneira muito teórica, é mais um ensaio. Inclusive ele foi muito criticado por ter deixado as pesquisas no mundo do trabalho e ter ficado nos ensaios. E o Dubet tentou operacionalizar essa perspectiva, a partir de pesquisas que ele já tinha feito com jovens de bairros, com professores, mas não era bem sociologia da educação que ele fazia, e sim na perspectiva do professor como trabalhador. Então a partir daí, o Dubet começou a trabalhar a “sociologia da experiência”. Trabalhou numa linha bem específica com professores, inclusive porque ele tinha uma orientanda que ele acompanhou e trabalhou muito com ela. Quando eu cheguei a Paris na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, fui apresentada ao Touraine que era o diretor emérito do *Centre d'Analyse et d'Intervention Sociologiques* – CADIS. Lá eu fiz um seminário com o Dubet, onde ele apresentava o livro que estava por sair chamado “*Le déclin de L'institution*” (O declínio da Instituição) que vem na sequência da “Sociologia da experiência”. Ele particularmente é uma pessoa muito interessante. Quando apresentei meu projeto de pesquisa, ele disse que era muita coisa, pois eu queria analisar três organizações na França e três aqui no Brasil. Ele disse “vamos fazer uma, pois isso é muita coisa”. Mas como eu sou uma pessoa que basta me dizer isso para eu fazer o contrário, fiz todas as entrevistas, fiz todo meu trabalho e ele me acompanhou às vezes de maneira muito irônica porque no início meu francês era “aportuguesado”, eu tinha muitas expressões em português e ele brincava comigo. E no final quando fui embora ele disse: “bom eu não achava que iria conseguir, mas conseguiu”. Acho que acabou gostando do trabalho e falou que estava tudo bem, dando o aval para continuar escrevendo. Foi então que acabou aceitando naquele momento, vir ao Brasil para minha defesa. Nesse meio tempo eu tinha um colega lá nessa universidade do noroeste do estado, que tinha feito o doutorado no Canadá que fazia parte da Associação dos Sociólogos de Língua Francesa, e acabou organizando um encontro dessa associação nessa cidade e aí o Dubet veio. Eu estava em plena fase de redação do doutorado, quando ele aceitou passar na UFRGS, onde então,

²Entrevista disponível em <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_19_ANGELINA_E_MARILIA.pdf> Acesso em 12 de setembro de 2013.

fiz a tradução da palestra. Minha orientadora que estava um pouco reticente com a temática, e principalmente com essa questão da subjetividade, gostou muito dele, e depois da palestra se interessou por essa linha de pesquisa do Dubet e foi assim, ele foi conquistando o pessoal aqui.

Trabalhar com Dubet foi muito bom porque ele propiciava liberdade, mas ao mesmo tempo cobrava, por exemplo, cada pacote de entrevistas, eu precisava fazer uma síntese, onde então ele me orientava e fazia críticas construtivas. Na época eu trabalhei a questão das relações de trabalho na economia solidária, a problemática era saber se finalmente havia uma diferença entre o discurso oficial e aquilo que vivenciavam os trabalhadores na realidade. Ele era muito cético em relação à economia solidária. Na França se fala mais em associativismo, ou economia social e solidária. Ele tinha uma orientanda que acabava de fazer um trabalho que deixou ele bem crítico em relação a isso, então estava muito com um pé atrás, pouco crente no meu trabalho mas acompanhou até o final da avaliação, e por isso foi bom. Eu não tive mais contato com ele depois justamente porque fiquei fora da universidade durante algum tempo e como professor substituto a gente não tem tempo de fazer pesquisa.

E agora ele está aposentado, mas sei que tinha um contato com o pessoal de São Paulo, na área da sociologia da educação. Portanto, ele se interessou pela linha de pesquisa da sociologia da educação, mas com forte relação com a sociologia do trabalho.

O que era muito interessante no doutorado lá, é que a gente vindo de fora era acolhido como pesquisador, então tínhamos o título de pesquisador e com isso podíamos participar das reuniões de todos os pesquisadores, dos “patrões”, dos grandes nomes. Então era possível assistir a apresentação de pesquisas em vários campos e todas elas orientadas por essa perspectiva da subjetividade do ator dentro de um contexto institucional particular. Por exemplo, tinha gente que trabalhava na área da saúde, outros que trabalhavam com as novas tecnologias e assim por diante. Era muito bom porque você podia trocar informações e tinham coisas que poderiam servir para tua pesquisa, tua própria tese. Lá eu fazia quatro seminários, um com Touraine, um com Dubet, um com Michel Wieviorka e um de metodologia.

É uma experiência muito boa, pois eu reencontrei um jeito de trabalhar que me era familiar, mas para quem vem do Brasil é muito interessante. E também outra coisa: a UFRGS tem muitos contatos com aquele Instituto, então tinha intercâmbio com pesquisadores brasileiros. E os brasileiros a cada semana organizavam na segunda-feira uma noite de palestras com alguém. Então se tinha dois aspectos a sociologia na França: acompanhamento com os orientadores de lá e ao mesmo tempo contato com gente de todo o Brasil que ia fazer palestras ou visitar a universidade. Então não foi apenas Dubet foram vários contatos.

Café com Sociologia: E como surgiu a ideia de pesquisa sobre a identidade profissional dos professores de sociologia?

Anne: Quando estava nessa universidade do noroeste, eu lecionei por muito tempo a disciplina de Sociologia da Educação, e uma vez lecionei a disciplina de Sociologia da Educação IV com o pessoal que estava se formando. E lá a preocupação das alunas era saber como trabalhar. Então a aula teórica foi de curta duração e nós fizemos uma pesquisa juntas. Tentamos analisar o professor como um trabalhador da educação. Entendíamos que o trabalhador da educação não era somente aquele que ia limpar a sala de aula, não era apenas o pessoal da administração, é o professor também. E a pergunta foi saber como o professor vive sua vida de professor numa escola em plena mudança. Naquele momento tinha muitos professores que saíam da ativa para passar a ser merendeiros ou para trabalharem na biblioteca porque estavam cansados de dar aulas. Então a gente repartiu a turma entre os vários níveis de educação e vários tipos de profissionais da educação. E foi uma pesquisa para estudar as mudanças que ocorrem na educação, partindo das mudanças que ocorrem na sociedade. Ou seja, tu tinhas uma base com as outras Sociologias da Educação, estudadas anteriormente. Dessa forma, estudamos Dubet para mostrar como o professor, o trabalhador da educação é uma pessoa, não é apenas um objeto dentro de uma instituição. É alguém que tem suas expectativas também. Então as alunas trabalhavam em dupla, e cada dupla pesquisou uma escola, sendo que no final da pesquisa apresentavam um relatório. E surgiram trabalhos excelentes, inclusive um que era muito bom, eu dei como exemplo uma vez aqui numa turma de metodologia, mas sumiu, não me devolveram. A partir daí eu comecei a pensar, bem tem material aqui, seria interessante continuar e eu entrei com um projeto para continuar essa pesquisa.

Quando retornei para Pelotas, falei com um professor daqui e ele se interessou, mas logo após saiu para fazer pós-doutorado. Então entrei com esse projeto mais ligado a uma forma de professor específico, e também porque fiquei surpreendida que aqui não tinha uma disciplina de sociologia voltada a estudar a educação numa licenciatura que vai preparar professor de sociologia. Então o ponto de partida realmente é a sociologia do trabalho com essa perspectiva de pluridisciplinaridade, de ver que a gente pode abrir para outras áreas que é o trabalho formal e informal, pois há outros campos que são muito sensíveis em termos da vivência dos trabalhadores, neste caso os professores. E também meu interesse foi estimular a pesquisa entre os estudantes de graduação.

Café com Sociologia: Porque o interesse atual em estudar a formação de professores na UFPel?

Anne: Porque não existem pesquisas nesse campo, e nem sempre a licenciatura parece tão valorizada quanto o bacharelado. Apesar de haver muito trabalho por parte de certos professores para a valorização da licenciatura aqui na UFPel. Quando cheguei não percebi a diferença entre essas modalidades de ensino, porque na Bélgica não existia essa diferença. Lá todos se formam em “licenciatura” e no final fazem disciplinas pedagógicas aqueles que pretendem ser professores. Então para mim, a licenciatura e o bacharelado eram a mesma coisa. Mas com a legislação e a obrigatoriedade da sociologia na educação básica, o curso entrou num processo de reforma curricular no qual notei que os alunos da licenciatura se percebiam como deixados de lado, isso fez com que despertasse meu interesse por estudar essa temática.

Café com Sociologia: Professora Anne, foi um prazer ouvi-la, agradeço em nome da equipe editorial e dos leitores da revista “Café com Sociologia” pela rica entrevista.

Referências

L'ECOLÉ DES HAUTES ETUDES EM SCIENCES SOCIALES. Centre d'Analyse et d'Intervention Sociologiques – CADIS. Disponível em <<http://cadis.ehess.fr/document.php?id=1152>>. Acesso em 04 de novembro de 2013.

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. Entrevista concedida a Angelina Teixeira Peralva e Marília Pontes Sposito. **Revista Brasileira de Educação**, mai/jun/jul/ago, n.5, 1997. Disponível em <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_19_ANGELINA_E_MARILIA.pdf> Acesso em 12 de setembro de 2013.

_____. **Sociologie de l'expérience.** Paris: Seuil, 1994

_____. **Le Déclin de l'institution.** Paris: Seuil, 2002

TOURAINE, Alain. **Iguais e Diferentes:** podemos viver juntos: Lisboa: Piaget, 1998.

_____. **O retorno do Actor:** ensaios de sociologia. Lisboa: Piaget, 1984.